

## **PRIMAVERA E VERÃO**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*IstoÉ-Senhor, 3.5.1989*

O Plano Primavera fracassou de forma terrível na Argentina, embora fosse um plano modesto, que não pretendia acabar com a inflação mas apenas mantê-la sob controle. Embora estivesse baseado em um acordo social com os empresários. Embora fosse conduzido por economistas não populistas, cujo maior erro estrutural foi não terem tido coragem para enfrentar de forma definitiva o problema da dívida que assola a Argentina.

Estive dois dias na Argentina e fiquei impressionado com o processo de desagregação por que passa aquele país. A crise da dívida somou-se a uma velha crise das elites, a uma velha disputa entre a oligarquia agrário-mercantil incapaz de se identificar com o interesse nacional e a indústria interna ineficiente e superprotegida. Como no Brasil, na Argentina da crise da dívida externa surgiu a crise fiscal, e desta a estagnação e a inflação. Agora o país caminha a passos largos para a hiperinflação, com a taxa de câmbio determinada pelo mercado e a economia inteiramente dolarizada.

A diferença entre o Brasil e Argentina, entretanto, é que para a Argentina não se vêem esperanças, na medida em que suas elites estão completamente alienadas, na medida em que seus empresários não se envergonham em afirmar que "não podem aumentar sua exposure" no seu próprio país. Enquanto que no Brasil esse processo de degenerescência das elites apenas começou.

A curto prazo, entretanto, é preciso que evitemos no Brasil, com o Plano Verão, o que aconteceu na Argentina com o Plano Primavera. Os dois planos começaram de forma muito diferente - um era modesto, o outro ambicioso - mas ambos tiveram um fato em comum: o objetivo de controlar a inflação até as eleições. E foi a subordinação da política econômica a esse objetivo que levou o Plano Primavera ao fracasso.

Para manter a inflação sob controle o governo argentino iniciou o Plano Primavera em julho do ano passado e passou a valorizar artificialmente o austral, ao mesmo tempo que antecipava as eleições para o próximo dia 15 de maio. A explosão

do dólar livre em fevereiro deste ano e em seguida da inflação, que em abril deverá estar próxima de 40 por cento, foi consequência direta dessa estratégia.

No Brasil já estamos valorizando artificialmente o Novo Cruzado. E além disso estamos mantendo um grande número de preços artificialmente rebaixados - o que não foi feito na Argentina. Se os preços relativos não forem rapidamente corrigidos. Se não se deixar que o mercado volte a ter um papel decisivo na definição desses preços, estaremos cometendo o mesmo erro do Plano Primavera - e também o mesmo erro do Plano Cruzado. Estaremos, afinal, de uma forma populista, tentando chegar artificialmente até as eleições. E poderemos, muito provavelmente, ver acontecer aqui o que está acontecendo na Argentina: a inflação explodir antes das eleições, distorcendo-as tanto - ainda que de forma inversa - quanto se houvesse conseguido levar os preços sob controle até as eleições.

O governo no Brasil já começou a tomar medidas para reindexar a economia e corrigir os preços. E já está inclusive falando em liberação dos preços dos setores mais competitivos. Por outro lado corrige, embora de forma necessariamente lenta, os preços dos setores oligopolistas. Os formuladores de nossa política econômica estão, portanto, cientes dos riscos que corremos. Segurar artificialmente os preços relativos é sempre uma tentação, mas seus custos são imensos.